

Bruxa-Cientista, Feminista, Menstruante!: desafios metodológicos em se produzir conhecimento sobre menstruação sendo um corpo que sangra

*Witch-Scientist, Feminist, Menstruating!: Methodological Challenges
in Producing Knowledge About Menstruation as a Bleeding Body*

Janaina de Araujo Moraes

RESUMO

Há dez anos o sangue menstrual tem sido combustível para minhas investigações pessoais, artísticas, políticas, sociais e científicas. Durante o doutorado desenvolvi uma pesquisa que versava sobre a medicalização da menstruação e as práticas de resistência tais como a arte menstrual, a Terapia Menstrual e a Ginecologia Autônoma, Política e Natural, a partir da minha própria experiência, somada à experiência de outras mulheres e pessoas menstruantes que cruzaram meu caminho. Agora, no pós-doutorado, o foco tem sido os impactos e desafios da educação menstrual na promoção da dignidade menstrual, por meio de uma “pesquisa-ação” realizada em escolas públicas. Essa múltipla inserção em campo, como antropóloga, artista, terapeuta, educadora menstrual e corpo que sangra abriu várias possibilidades de compreensão sobre o sangue menstrual, muito particulares. Contudo, essa múltipla pertença também tem seus limites, por estar muito dentro, por vezes, foi desafiador distanciar e ter um olhar crítico sobre os acontecimentos. Assim, este capítulo propõe discutir sobre os desafios metodológicos de realizar pesquisas sobre menstruação sendo um corpo que sangra, tendo o engajamento, envolvimento e vulnerabilidade do pesquisador em campo e na escrita etnográfica como instrumento epistemológico do trabalho (Behar, 1996; Haraway, 2009).

PALAVRAS-CHAVE: Menstruação; Metodologia; Produção do conhecimento; Ciência; Feminismos.

ABSTRACT

For the past ten years, menstrual blood has been the driving force behind my personal, artistic, political, social, and scientific investigations. During my PhD, I developed a research project focused on the medicalization of menstruation and practices of resistance such as menstrual art, Menstrual Therapy, and Autonomous, Political, and Natural Gynecology, based on my own experience combined with the experiences of other women and menstruating people who crossed my path. Now, in my postdoctoral work, the focus has shifted to the impacts and challenges of menstrual education in promoting menstrual dignity, through an “action-research” project conducted in public schools. This multifaceted field engagement—as an anthropologist, artist, therapist, menstrual educator, and bleeding body—has opened up various unique possibilities for understanding menstrual blood. However, this multiple belonging also has its limits. Being so deeply embedded sometimes made it challenging to step back and adopt a critical perspective on the events. Thus, this chapter aims to discuss the methodological challenges of conducting research on menstruation as a bleeding body, considering the researcher’s engagement, involvement, and vulnerability in the field and in ethnographic writing as epistemological tools of the work (Behar, 1996; Haraway, 2009).

KEYWORDS: Menstruation; Methodology; Knowledge production; Science; Feminisms.

INTRODUÇÃO

O sangue menstrual me atravessou, rompeu, chocou, deslumbrou, hipnotizou, seduziu, impactou, fascinou, contagiou, movimentou de infinitas maneiras que não cabem em palavras. Ainda assim, humildemente, aceitei o desafio de ser canal e tradutora de um fluxo de experiências e vivências que envolvem a menstruação, seus múltiplos significados e interpretações, as diversas práticas e narrativas mobilizadas e as emoções despertadas, a partir da minha própria trajetória com o sangue menstrual, que se cruzou à trajetória de tantas

outras mulheres e corpos menstruantes, nesses dez anos dedicados à pesquisa sobre menstruação.

Esse Caminho Vermelho¹ começou, em 2014, de forma despreten-siosa, a partir de uma inquietação pessoal, quando comecei a investigar um diagnóstico de Síndrome dos Ovários Policísticos, recebido quando eu tinha 15 anos de idade, e que me levou a tomar pílula contracepti-va por dez anos. Ao decidir parar de tomar o medicamento e começar a pesquisar por tratamentos alternativos, tive contato com uma rede transnacional de mulheres e pessoas menstruantes que buscavam co-nhecer seus corpos, questionar a medicalização da menstruação e a construção do saber médico científico, procurando resgatar um conhe-cimento ancestral de cura através das plantas. O contato com essas pessoas e com esse conhecimento foi me instigando cada vez mais e aquilo que começou com uma inquietação pessoal passou a ser per-cebido também como algo social, político, terapêutico, artístico e cien-tífico, levando-me a desenvolver a tese de doutorado intitulada *Portal Vermelho: uma etnografia sobre corpo, gênero, sangue, emoções e experi-ência*, defendida em dezembro de 2021.

Nesta pesquisa, busquei refletir sobre as diferentes perspecti-vas que emergem, atualmente, em relação à menstruação, procuran-do compreender de que forma o tabu da menstruação é forjado, como a medicalização da menstruação acontece e de que maneira tem in-fluenciado as narrativas e práticas das mulheres e outros corpos mens-truantes. Também importou refletir sobre os processos de resistência à medicalização e ressignificação da menstruação e do sangue mens-

1 Utilizo essa expressão Caminho Vermelho, bem como outras tais como Mar Vermelho (mais à frente) em alusão ao título da tese de doutorado “Portal Vermelho”, onde faço uso dessa expressão como uma metáfora, na tentativa de traduzir, para o campo das palavras, as experiências vividas a partir do contato com o sangue menstrual durante trabalho de campo. O Vermelho e as águas vermelhas também surgem como metáfora para falar de menstruação, assim como outras palavras foram utilizadas ao longo dos séculos, tais como lua, flor, regras, dentre outras, para esse mesmo fim. Há inclusive uma tradição nativa americana do Caminho Vermelho, que faz a mesma referência (Moraes, 2021). Para outras informações acessar a tese, disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/13739> Acesso em: 22 mai. 2025.

trual, tais como a arte menstrual, a Terapia Menstrual² e a Ginecologia Autônoma, Política e Natural³, a partir da minha própria experiência, somada à experiência de outras mulheres e pessoas menstruantes que cruzaram meu caminho, visto que, nesse processo de busca da minha própria cura, fui impelida a assumir, também, uma identidade enquanto multiplicadora dos saberes menstruais, promovendo encontros, aulas, cursos e oficinas. Como marco teórico-metodológico, este trabalho buscou resgatar o rol da corporalidade, procurando explorar os diversos sentidos dentro do trabalho de campo, bem como uma escrita orientada pela subjetividade, por um saber localizado, encarnado, corporificado, de uma pesquisadora que se emocionou, se envolveu e deixou-se afetar pelo campo (Behar, 1996; Csordas, 1994; Haraway, 2009; Latour, 2004).

Esse caminho não se encerrou com o doutorado e, no momento, estou desenvolvendo um projeto de pós-doutorado que tem como questão central refletir sobre como a educação menstrual pode contribuir para uma ação social na promoção da dignidade menstrual e no combate à pobreza menstrual.⁴ Por meio de uma pesquisa qualitativa, conduzida com alunos e alunas de escola pública, parti-

2 A Terapia Menstrual é um método criado pela argentina Zulma Moreyra, para quem as enfermidades relacionadas ao ciclo menstrual têm origens e causas mais profundas, percebendo essas disfunções não apenas como uma manifestação fisiológica do corpo, mas também como sintomas de desequilíbrios emocionais, energéticos e espirituais. Esse método foi desenvolvido por Zulma, há mais ou menos 20 anos, a partir de seus trabalhos com círculos de mulheres, de sua investigação sobre a espiritualidade feminina, os ciclos hormonais e a herbolaria (Morais, 2021).

3 A Ginecologia Autônoma é uma prática que surge a partir do movimento *self-help*, iniciado na década de 1960, que instigava as mulheres a conhecerem seu próprio corpo e sexualidade, usando o exercício do autoconhecimento como forma de libertação (Material oficina Vulva Sapiens *apud* Moraes, 2017). Uma metodologia muito utilizada por esse movimento era a dos grupos de consciência e reflexão feministas, em que várias mulheres se reuniam nas casas umas das outras, ou em locais públicos, para expressarem e reconhecerem suas próprias experiências, além de discutirem temas diversos relacionados ao contexto do momento (Morais, 2017).

4 O termo pobreza menstrual nasceu na França, durante a luta pela construção de políticas públicas voltadas a um conceito marcado por singularidades e complexidades que representam a falta de acesso a recursos, conhecimento e infraestrutura adequada para que as meninas tenham capacidade de obter uma menstruação segura (Cavalcante; Santos, 2022).

cipantes do programa de educação menstrual proposto pelo projeto, buscamos compreender quais são as narrativas e práticas em relação à menstruação mobilizadas por esses jovens e pela comunidade escolar e de que forma o conhecimento circulado por meio das oficinas pode contribuir para a disseminação de saberes sobre o tema, promovendo uma transformação social. Para tanto, esta pesquisa se orienta por meio de uma perspectiva feminista interseccional e decolonial, considerando as múltiplas realidades de meninas mulheres e menstruantes, dando importância a questões raciais, territoriais, de gênero, dentre outras. E também possui como marco teórico-metodológico a “pesquisa-ação” (Malmann, 2015) e o engajamento, envolvimento e vulnerabilidade do pesquisador em campo e na escrita etnográfica como instrumento epistemológico do trabalho (Behar, 1996; Haraway, 2009).

As múltiplas inserções em campo, como antropóloga, artista, educadora, terapeuta menstrual e corpo que sangra abriram várias possibilidades de compreensão sobre o sangue menstrual muito particulares. Abriu-se um campo de conhecimento que só se acessa vivendo, tocando, sentindo, respirando, criando e experimentando com o sangue, algo que diz sobre uma intimidade, de você consigo e seu corpo, mas também com outras mulheres e corpos que sangram. No caso da pesquisa de doutorado, por exemplo, eu não era uma estrangeira, eu era uma pessoa íntima de mim e das pessoas que cruzaram meu caminho; havia confiança e segurança para se falar sobre assuntos e temas que poderiam não existir, caso o interlocutor fosse uma pessoa desconhecida. Contudo, essa múltipla pertença também tem seus limites, por estar muito dentro, por vezes, foi desafiador distanciar e ter um olhar crítico sobre os acontecimentos. Ainda, algumas vezes havia conflito entre as pertencas: para a antropóloga um evento significou uma coisa e para a terapeuta, educadora e artista outra. Assim, o desafio foi dar espaço para todas essas vozes ecoarem e nenhuma sobrepor a outra. Ao longo da escrita elas vão se encontrando, costurando e dando corpo a esse Mar Vermelho de pesquisas menstruais.

Neste capítulo, proponho discutir sobre os desafios metodológicos de se realizar pesquisas sobre menstruação sendo um corpo que sangra, tendo como marco teórico-metodológico o engajamento, envolvimento e vulnerabilidade do pesquisador em campo e na escrita etnográfica. Para essa discussão, irei focar na experiência do campo e da escrita da tese de doutorado. Assim, a partir dos dados vamos tentar delinear as possibilidades e os limites desse tipo de prática metodológica.

EXPLORANDO O CAMPO E CONSTRUINDO OS APORTES TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A partir das primeiras buscas que realizei na internet, em páginas, blogs e grupos, comecei a buscar cursos, formações, coletivos, círculos de mulheres para que eu pudesse participar e me aprofundar mais no tema. Além disso, inspirada pelas mulheres que faziam arte menstrual, comecei também a criar artisticamente imagens fotográficas e vídeos com meu próprio sangue, em uma tentativa de ressignificar a minha relação com a menstruação, que pelos anos de contraceptivo, estava em um modo automático, sem muita reflexão.

Nessa época, conheci o coletivo feminista mexicano Vulva Sapiens, construído, em 2013, por cinco mulheres investigadoras com diferentes formações (antropólogas, historiadoras, sociólogas etc.) que possuíam grande interesse em temas como a saúde feminina, a Ginecologia Autogestiva,⁵ a apropriação e construção do corpo e sua dimensão política. O Coletivo oferecia um curso online de *Ginecología Autogestiva*, com duração de três meses, que abordava temas tais como: anatomia, autoexploração do corpo, ciclicidade do corpo feminino e menstruante (menarca, menstruação, gestação, menopausa), sexualidade, ervas para cura de diferentes enfermidades, dentre outros assuntos. Além deste curso, participei de outras formações e vivências que envolviam a saúde das mulheres e corpos menstruantes, e depois de algum tem-

5 A Ginecologia Autogestiva pode ser compreendida na mesma dimensão que a Ginecologia Autônoma.

po pesquisando sobre o tema e agregando conteúdo, fui percebendo que as informações com as quais eu estava tendo contato eram muito necessárias, por serem pouco difundidas e acessíveis, naquele momento, e precisavam ser compartilhadas.

Assim, em 2016, desenvolvi um projeto intitulado “Meu Corpo, Meu Sangue – ressignificando a menstruação”, financiado pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Juiz de Fora, Lei Murilo Mendes (Minas Gerais, Brasil), que buscou incentivar as mulheres e pessoas menstruantes a conhecerem seus corpos, seus ciclos e sua sexualidade, por meio da arte menstrual e da Ginecologia Autônoma. O projeto envolvia a criação de uma exposição interativa com as imagens fotográficas criadas a partir do sangue menstrual, o desenvolvimento de um blog, um grupo secreto e uma página no *Facebook*, para o compartilhamento das informações, frutos das pesquisas e vivências, além da realização de uma oficina de Ginecologia Autônoma.

O projeto Meu Corpo, Meu Sangue instigou-me a ir mais fundo nas pesquisas e percebi a relevância de aliar esses saberes experienciais aos teóricos, visto que as teorias sociais me auxiliaram no processo de compreensão histórica e cultural do que estava sendo vivido e sentido, e as experiências também eram capazes de questionar e causar deslocamentos nesses próprios processos histórico-culturais. Assim, senti que tanto eu mesma quanto a academia e o campo de trabalho artístico, político, educativo e terapêutico com o sangue menstrual beneficiar-se-iam dessa união e decidi desenvolver o projeto de doutorado, cujo fruto é a tese *Portal Vermelho*. Iniciei o doutorado em 2017, dando continuidade às oficinas de Ginecologia Autônoma, aos estudos, trabalhos terapêuticos e educativos, bem como às outras vivências e formações tais como a Terapia Menstrual e a Limpeza do Sangue Menstrual.⁶ No pós-doutorado, tudo isso se desdobra ainda mais,

6 A Limpeza é uma prática que existe dentro da Terapia Menstrual e consiste em um método de limpeza de todos os órgãos envolvidos no ciclo menstrual, para se coletar o sangue e realizar vários tipos de medicina, tais como tinturas, unguentos e cristais (Morais, 2021).

e as oficinas de Ginecologia Autônoma vão dando espaço às oficinas de educação menstrual, onde todo conteúdo e metodologia foram desenvolvidos por mim,⁷ com base nos cursos, formações e vivências anteriores.

Todas essas experiências, em dez anos de pesquisa, foram vividas por um corpo que sangra e que carrega consigo histórias, memórias e vivências únicas que envolvem a menstruação, produzindo conhecimento em contato e reflexão com outros corpos que também sangram. Como, então, incluir minhas próprias experiências, unidas às narrativas e práticas de outros corpos que sangram sem, no entanto, comprometer a legitimidade da pesquisa? Essa é uma pergunta que orientou a pesquisa de doutorado e também segue norteando a pesquisa de pós-doutorado.

Durante a minha trajetória acadêmica, sempre pesquisei temas que eram, de certa forma, familiares. Enquanto feminista e acadêmica, pesquisando movimentos feministas,⁸ ocupei muitas vezes uma posição de liminaridade, posição esta já relatada por outras militantes acadêmicas. Essa tensão alcançou novo patamar com a pesquisa de doutorado, quando busquei resgatar o rol da corporalidade e das emoções, explorando uma escrita orientada pela subjetividade, por um saber localizado, encarnado, corporificado e vulnerável.⁹

Como Ruth Cardoso (1986) aponta, a valorização da observação participante nas pesquisas antropológicas tem feito cada vez mais os antropólogos se engajarem nas pesquisas, caminhando

7 Nas oficinas realizadas na Escola Barão Geraldo de Rezende, em Campinas, utilizamos também o *podcast De Lua em Lua*, fruto do projeto de iniciação científica do Ensino Médio (PIBIC-EM) “Menstruação e Antropologia: Multiplicando possibilidades para alcançar dignidade” realizada pelo Labirinto/Labjor da Unicamp em parceria com o projeto “Olhos no Futuro” da FEEC/Unicamp e com a equipe do Podcast *Mundaréu*.

8 A minha dissertação de mestrado foi sobre o uso político do corpo na Marcha das Vadias do Rio de Janeiro de 2013.

9 No projeto de pós-doutorado sigo a mesma linha, pois falar sobre as experiências que envolvem a menstruação é falar sobre algo íntimo, capaz de mobilizar memórias, histórias, experiências e emoções que também estão relacionadas a uma dimensão política e social do tema.

para uma participação observante. Além disso, a autora afirma que a subjetividade se faz cada vez mais presente, porque a noção de neutralidade, proposta pelos positivistas, já não é mais defendida. Desse modo, colocar o antropólogo no cenário da pesquisa passaria a ser uma necessidade para dominar a relação que o leva ao conhecimento. Entretanto, muitos desses relatos etnográficos limitam-se a expressar as aventuras do antropólogo sem colocá-las explicitamente como etapas do conhecimento. O que geralmente acontece é uma descrição de todo o percurso até a entrada em campo e depois que isso é feito, parte-se para uma análise “objetiva” do campo, “causado pela falta de segurança quanto aos limites da participação e as exigências da objetividade” (Cardoso, 1986, p. 104).

Outro autor que elaborou sobre a observação participante foi Marcelo Mercante (2006) que, em sua pesquisa de doutorado sobre o uso ritualístico do daime,¹⁰ na Barquinha, introduz a noção de “observação experiencial” (Goulet; Young, 1994 *apud* Mercante, 2006), ressaltando a importância de experimentar a cultura pesquisada. Essa noção implica que, para o estudo dentro de uma tradição espiritual ter sucesso, é necessário um treinamento nesta. Assim, tanto as experiências do próprio antropólogo quanto sua auto-observação são entendidas como ferramentas importantes de pesquisa. Essa ideia é cada vez mais evidente em pesquisas antropológicas dentro do campo espiritualista, como podemos ver, também, na tese de doutorado de Isabel Santana de Rose (2010), sobre os Guarani, a Ayahuasca e o Caminho Vermelho, bem como no trabalho de Beatriz Labate (2004). Em sua pesquisa, Labate (2004) faz uma reflexão sobre sua dupla inserção em campo como antropóloga e ayahuasqueira, visto que seu interesse neste tema envolvia uma busca existencial pessoal, bem como um grande interesse antropológico, não sendo capaz de separar o pessoal do profissional. Para a autora, essa situação envolve desafios, ten-

10 Chá de ayahuasca, também conhecido como Santo Daime, é uma bebida feita a partir da infusão de duas plantas, utilizada em rituais religiosos.

sões e ambiguidades, ao passo que também forja um lugar de fala potencialmente privilegiado.

Assim como Labate (2004), o meu interesse pelo sangue menstrual parte de uma busca existencial e de cura pessoal, que logo é percebido também atrelado ao meu interesse antropológico, político, artístico e terapêutico. De modo que, nesse caminho percorrido entre a academia e as experiências em campo, fui desenvolvendo uma dupla pertença de bruxa-cientista¹¹ – dupla, para dizer o mínimo, pois várias facetas de mim foram sendo reveladas, ao longo desse percurso, por conta do contato com o sangue menstrual, um verdadeiro mergulho nessas águas vermelhas.

Na medida em que as oficinas iam sendo construídas, novas faces de mim mesma me eram reveladas naquele palco, novas personagens iam surgindo e eu via o mesmo acontecer com as outras pessoas à minha volta. Ao criar um espaço seguro para falarmos de assuntos que não podíamos dizer em outros lugares e expressar de forma mais aberta nossos pensamentos, sentimentos e emoções, íamos abrindo o caminho para outras possibilidades de nós emergir. Em um primeiro momento, eu estava muito influenciada pela figura da antropóloga, cientista, professora e artista, que aos pou-

11 Outras cientistas, assim como eu, também defendem essa dupla pertença de bruxa-cientista (Starhawk, Stengers e outras). Isabelle Stengers (2017) faz uma crítica à racionalidade científica hegemônica, que, a seu ver, é responsável pelo “desencantamento do mundo” e produto de um processo de colonização, que fez com que a ciência expulsasse toda a magia da prática científica para se consolidar, deixando de lado o caráter de aventura e de abertura ao indeterminado, algo que a autora coloca em primeiro plano ao repensar a história científica (Sztutman, 2018). Ela ainda complementa que usar palavras como magia, feitiçaria e animismo pode causar mal-estar nas pessoas, tão acostumadas a tratar tais conceitos como crenças de outros povos. Dessa forma, ela propõe, exatamente, o uso deliberado dessas palavras (Starhawk *apud* Stengers, 2017), por acreditar que as palavras que soam aceitáveis, racionais, científicas ou intelectualmente confiáveis, o são por fazerem parte da língua do distanciamento, em suma, a autora defende que as ciências devem reativar a magia, essa arte da eficácia, tanto porque jamais houve ciência sem magia – sem animação do mundo, sem fatos que são feitos, sem “fatiches”, por isso pensar nesse lugar da bruxa-cientista como alguém que se aventura, e se abre ao indeterminado para produzir conhecimento.

cos foi dando mais espaço para a bruxa se revelar junto à terapeuta, curandeira, e a feiticeira e fui descobrindo cada vez mais essas expressões, vontades e desejos que habitavam em mim, assim como outras mulheres, à minha volta, também descobriram (Morais, 2021, p. 146).

Behar (1996) levanta a discussão sobre uma “*native anthropology*” (“antropologia nativa”), que aconteceria quando os pesquisadores reivindicam uma conexão pessoal com o lugar no qual o trabalho de campo é desempenhado, o que abre um importante debate sobre o que significa ser “*an insider in a culture*” (Behar, 1996, p. 28). Ela aborda o fato de os próprios “nativos” estarem se tornando pesquisadores, estudando suas próprias comunidades e nações, o que faz com que a linha entre participante e observador, amigo e estranho, aborígene e alienígena, não seja mais facilmente delimitada. A autora afirma, então, que a antropologia nativa tem contribuído para trazer uma grande mudança: “A mudança em direção à visão da identificação, em vez da diferença, como a imagem chave definidora da teoria e prática antropológicas” (Behar, 1996, p. 28, tradução própria).

A autora continua sua argumentação apontando que essa mudança, em consonância com a afirmação do movimento feminista de que “o pessoal é político”, teria mudado a forma como pesquisadores pensam sobre suas subjetividades em campo.

Escritoras feministas dentro do meio acadêmico dedicaram uma quantidade considerável de energia à reflexão sobre biografia e autobiografia, e à difícil questão de como as mulheres podem tornar outras mulheres o objeto de seu olhar sem objetificá-las e, assim, traí-las (Behar, 1996, p. 28-29, tradução própria).

Behar (1996) ainda traz a colocação de Haraway (2009) que argumenta apoiando políticas e epistemologias que tragam um posiciona-

mento, advogando a favor de uma objetividade corporificada, de um conhecimento localizado, situado, responsável, não da transcendência e da divisão entre sujeito e objeto. Um conhecimento que apresente “a visão desde um corpo, sempre um corpo complexo, contraditório, estruturante e estruturado, versus a visão de cima, de lugar nenhum, do simplismo” (Haraway, 2009, p. 29). A autora ainda apoiaria a prática de uma objetividade que privilegia a contestação, a desconstrução, as conexões em rede, as transformações dos sistemas de pensamentos, construindo mundos menos organizados pelo eixo de dominação, bem como uma prática que procure as perspectivas daqueles pontos de vista que nunca podem ser conhecidos facilmente e que prometem algo extraordinário. Segundo Haraway (2009, p. 24), “o imaginário e o racional – a visão visionária e a objetiva – circulam bem juntos”.

Renato Rosaldo (1989) também aborda a questão da subjetividade e da experiência pessoal como ferramentas de pesquisa, em seu livro *Culture and truth*, ao mostrar como certos aspectos da cultura dos Ilongots (povo filipino conhecido pela caça de cabeças) só foram possíveis de serem entendidos a partir da sua experiência com a perda da sua esposa, Michelle Rosaldo, discutindo, assim, sobre as posições do etnógrafo em campo, bem como de outras pessoas envolvidas no fazer etnográfico. O autor percebe, então, a experiência pessoal como uma “categoria analítica”, enfatizando também a importância de se ter em conta as emoções nas análises antropológicas. Afirma, ainda, que a maior parte dos estudos antropológicos, ao assumir a posição neutra do observador, suprimem as emoções, em especial as mais intensas, implicando também em um ceticismo em relação a essas emoções como fonte de conhecimento. Com isso, Rosaldo (1989) defende que as formas de escrita que têm sido marginalizadas na antropologia ganhem legitimidade, abrindo a possibilidade de aproximação da vida das pessoas por meio de diferentes pontos de vista.

Assim, a análise e reflexão sobre a minha própria experiência, de um corpo que sangra, que faz arte, magia e ciência com o próprio

sangue, somada às narrativas, trajetórias e experiências de outras mulheres e corpos menstruantes com quem aprendi e troquei sabedorias e confidências, por meio das redes sociais, dos cursos, formações, oficinas e vivências, foram o foco da pesquisa de doutorado. A pesquisa foi sendo construída enquanto era vivida, seguindo o fluxo e o movimento no qual esse campo e o contato com essas pessoas e vivências foram me guiando, de modo que os dados para a pesquisa se originaram de múltiplos lugares, inclusive do próprio corpo de quem pesquisou.

Para tanto, utilizei meu diário de campo como dado, onde registrei todas essas vivências e experiências, bem como os áudios que gravei com algumas reflexões mais importantes sobre os processos que estava vivendo (e que o diário não dava conta),¹² além das reflexões empreendidas com outras mulheres e corpos menstruantes sobre a vivência nas oficinas de Ginecologia Autônoma presenciais¹³ e nos grupos de Limpeza do Sangue Menstrual online,¹⁴ por meio de conversas informais e entrevistas semiestruturadas, que também foram fontes de interlocução deste trabalho. Além disso, os materiais desenvolvidos para o projeto Meu Corpo, Meu Sangue, como textos, as imagens

12 Algumas reflexões e sensações precisavam ser capturadas em outras dimensões, pela complexidade do conteúdo, era importante recordar a entonação, as pausas e outras expressões, além da rapidez que a gravação de voz garantia aos pensamentos que corriam soltos e livres e que escrever não dava conta de acompanhar.

13 A primeira oficina se abriu com o projeto Meu Corpo, Meu Sangue, em 2016, e a última aconteceu em 2019, antes da pandemia – foram quatro anos realizando oficinas de forma presencial, em Juiz de Fora, Minas Gerais. Criei diferentes modalidades, desde formatos intensivos, regulares, minicursos, a encontros mais curtos e pontuais de uma tarde, por exemplo. Um total de 96 mulheres realizaram oficinas intensivas e regulares comigo em três anos. Além delas, outras 200 mulheres participaram de vivências mais pontuais sobre o tema. As oficinas foram conduzidas buscando criar um espaço de confiança, que estimulasse a troca de informações, saberes e histórias sobre ciclo menstrual, sangue, sexualidade, masturbação, ejaculação, formas de contracepção, anatomia e autoexploração, enfermidades comuns (cólica, candidíase, infecção urinária, ovários policísticos, miomas, endometriose etc.) e tratamentos naturais (uso de ervas, chás, banhos, vaporização uterina), entre outros temas relacionados (Cf. Morais, 2021).

14 Depois da minha primeira experiência realizando o processo da Limpeza do Sangue Menstrual, em 2018, junto a outras três mulheres que participavam das oficinas, eu facilitei cinco grupos online, sendo que em dois eu também realizei o processo junto com o grupo. Era uma média de 15 a 20 mulheres e corpos menstruantes por grupo (apenas em um grupo tivemos quase 30 mulheres), alcançando cerca de 100 mulheres e corpos menstruantes (Morais, 2021).

fotográficas, matérias de jornais e as repercussões foram dados para essa pesquisa, assim como as imagens das oficinas realizadas. Para dar embasamento teórico, realizei um levantamento extenso da literatura sobre o tema da menstruação, do ciclo menstrual e da saúde da mulher e dos corpos menstruantes, que pude encontrar na antropologia e áreas afins, como a sociologia e a saúde coletiva.

COMO CONSTRUIR UMA ESCRITA SUBJETIVA, VULNERÁVEL, CRIATIVA E, AINDA, CIENTÍFICA?

Uma questão importante que Behar (1996, p. 7, tradução própria) levanta seria a de como escrever subjetivamente uma etnografia de uma maneira que ainda seja possível chamar o que estamos fazendo de etnografia: “Devemos nos preocupar que um alarme de fumaça irá soar em nossos ouvidos quando a etnografia se tornar perigosamente quente e ‘muito pessoal’?”. A autora comenta como as conversações e interações em campo nunca mais poderão ser reproduzidas da mesma maneira que aconteceram. Elas são únicas e estão no passado, mesmo quando são escritas no presente. A autora ainda acrescenta, citando Geertz, que há uma falta de linguagem para articular o que acontece quando estamos em campo, como se faltasse mesmo um gênero literário capaz de abarcar tais experiências. Por fim, ela enfatiza que seu livro *The Vulnerable Observer* seria uma tentativa de buscar esse gênero (Behar, 1996).

Escrever de forma vulnerável, segundo Behar (1996), requer muita habilidade, nuance e disposição para seguir as ramificações de uma ideia complicada, assim como em uma escrita não vulnerável e distante, ou quem sabe até mais. Para a autora, o pior que poderia acontecer em um texto de escrita não vulnerável seria ele ser chato: “Mas quando um autor *faz* dele mesmo *vulnerável*, a aposta é maior: uma revelação pessoal chata, uma que falha em mover o leitor, é mais do que *embaraçosa*, é humilhante” (Behar, 1996, p. 13, tradução própria, grifo da autora). Ela ainda acrescenta que os esforços da revelação pessoal

fracassariam, não porque a voz teria sido utilizada, e sim porque teria sido usada de forma indevida, sem conseguir estabelecer conexão intelectual e emocional entre o observador e o observado. A exposição do *self*, de acordo com a autora, deve ser essencial para o argumento, levando os leitores a lugares que não poderiam ser acessados de outra maneira.

Outro ponto importante que Behar (1996) menciona é sobre o tempo necessário para se escrever de forma criativa. Ela menciona que, quanto mais era convidada a apresentar seu trabalho em conferências, workshops e leituras públicas, mais desesperada ela se sentia, visto que ela possuía pouco tempo para escrever textos realmente criativos. De fato, essa colocação é muito relevante para pensar a escrita vulnerável e criativa, dentro de um contexto acadêmico produtivista, em que há prazos a serem cumpridos, o que muitas vezes compromete a qualidade e a inovação do texto. Eu mesma senti muita pressão na escrita da tese para conseguir escrever algo original e criativo dentro dos prazos estabelecidos e acredito que o que me salvou foi poder ter um ano de dedicação exclusiva à escrita, em uma casa no campo, totalmente isolada.¹⁵

Optar por uma escrita vulnerável e criativa, uma metodologia encarnada, não é uma tarefa simples: exige, em verdade, muita coragem. Colocar-se no texto e apresentar suas emoções e vulnerabilidades e ainda assim construir um trabalho que tenha valor científico é bastante desafiador. Escolhi esse caminho não para satisfazer propósitos pessoais, mas por ter sido o único caminho possível encontrado para o desenvolvimento da pesquisa de doutorado e agora também no pós-doutorado, único caminho possível para fazer as pessoas acessarem informações e sensações cruciais descobertas ao produzir um trabalho que aborda o tema da menstruação – que diz respeito a uma vivência íntima compartilhada e marcada socialmente.

¹⁵ Foi um processo bem intenso, imersivo e solitário, que aconteceu durante a pandemia. Contudo, rodeada pela natureza, encontrava refúgio, conforto e segurança para me dedicar a um exercício de criação bastante profundo, que revirou minhas entranhas.

Outro ponto desafiador deste tipo de pesquisa é unir todo o campo da experiência com o campo teórico, fazer as conexões e traduções e como fazer isso de forma atraente, original, criativa e ainda assim científica. Levando em consideração essas possíveis limitações e estar aprendendo a reinventar a minha escrita acadêmica, tive como foco, na tese de doutorado, desenvolver uma pesquisa original que pudesse causar mobilizações ou desestabilizações nos leitores. Um dos pontos que eu tinha em mente na escrita da tese era de tentar fazer com que ela aproximasse, mesmo que minimamente, o leitor da experiência vivida.

Stoller (1989) aborda a questão da experiência como um domínio radicalmente empírico, no qual pensamentos, sentimentos e ações são inseparáveis. O autor ainda acrescenta que a estética (consciência dos sentidos) desempenha um papel fundamental na experiência, que, por sua vez, é o coração do trabalho de campo etnográfico. Essa dimensão da experiência foi, portanto, importante tanto para a criação das oficinas quanto para o desenvolvimento da tese e não só durante o trabalho de campo, como também na própria escrita.

Tendo essa ideia em conta, durante a escrita da tese busquei desconstruir uma linguagem convencional acadêmica, tentando elaborar um texto que fosse científico e ao mesmo tempo criativo, poético e de certa forma até onírico, pensando na tese como um “Portal Vermelho” em que os leitores não só iriam acessar informações científicas importantes sobre a menstruação, como também, de alguma forma, seriam tocados pelo sangue, assim como eu e tantas pessoas foram. Elaborei a tese para ser uma experiência estética que envolvesse vários sentidos e despertasse não só reflexões teóricas, mas também sensações.¹⁶ E para inspirar a escrita, tomava a medicina do sangue menstrual

16 Uma das pessoas que mais me auxiliaram nesse processo de escrita foi a Fabiana Faleiros (2017), que desenvolveu a tese *Lady Incentivo SEX 2018: disco sobre tese, amor e dinheiro*, dentro do programa de pós-graduação em Artes, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. A tese dela é uma verdadeira inspiração e Fabiana facilita oficinas de escrita criativa acadêmica que foram de grande ajuda para pensar o texto fora dos padrões convencionais.

que havia feito na Limpeza, como uma forma de ampliar a conexão – ser um canal para o sangue.

Dessa conexão surgiram muitas ideias. Elaborei uma capa para a tese, que de alguma forma traduzisse um pouco a realidade das experiências vividas e já levasse o leitor para uma outra dimensão de leitura. Tal capa foi desenvolvida em parceria com a Clarissa Reche, que além de doutora e pesquisadora desta temática, e do grupo de pesquisa Labirinto, também trabalha como designer. A seguir apresento a capa que abre o Portal:

Figura 1 – Capa da tese



Fonte: Arte de Clarissa Reche.

Além da ideia da capa, uma outra invenção foi abrir a tese com uma meditação. Se essa prática era recorrente durante as oficinas e vivências acompanhadas por mim para a pesquisa, por que não trazer ela para o texto? Criei uma meditação específica para a abertura da tese e escrevi o texto da meditação antes mesmo da introdução,

disponibilizando também um QR Code, onde a pessoa poderia acessar o áudio da meditação disponível no YouTube:

Antes de abrir, efetivamente, o Portal Vermelho do Sangue Menstrual, peço, humildemente, licença para ser o canal de conexão entre vocês e as águas vermelhas que irão desaguar a partir desta leitura. Para que essa experiência seja melhor aproveitada, é necessário ter mentes, corações e órgãos sexuais abertos para receber algo, talvez inesperado.

Para adentrarmos ao Portal de maneira proveitosa, vamos, antes, fazer uma meditação. Você pode acessar a gravação por meio do link <https://youtu.be/iSOPk5g-CSFA> ou do QRcode, ou ainda, ler as palavras abaixo, permitindo ser conduzido. É importante que você esteja em um local tranquilo e em uma posição confortável.



Peço que você feche seus olhos, coloque sua mão direita em seu coração e a mão esquerda abaixo do umbigo. Faça três profundas respirações, lentas, conscientes, sentindo o ar entrando e saindo do seu corpo. (Pausa). Aos poucos sua mente vai se acalmando e você vai sentindo o coração batendo. (Pausa). Quais emoções estão te movendo hoje? Permita-se sentir! (Pausa). Consegue perceber o pulsar do seu coração? Ele é o responsável por bombear o sangue e levá-lo para todo seu corpo, carregando memórias, pensamentos, emoções, nutrientes e força. Consegue perceber o sangue circulando por suas veias? (Pausa). Com a mão esquerda abaixo do umbigo você também pode sentir outro pulsar, talvez mais sutil, mas que também está aí, onde habita sua força vital, sua pulsão sexual primal e criativa. Esse centro que, durante a sua gestação, estava conectado à sua mãe por meio do cordão umbilical e por

onde você se alimentou de sangue vindo do útero. Sinta esse sangue circular e se conecte! (Pausa).

Aos poucos você percebe que todo o sangue que se concentra nessa região abaixo do umbigo, onde estão seus órgãos sexuais, transborda e derrama por entre suas pernas até atingir o solo, independente de você ter ou não um útero, esse sangue flui. (Breve pausa). Esse sangue vai descendo, camada a camada, em direção ao magma da terra. Lá ele se funde com esse fogo criador, recebendo e trocando potência e retorna à superfície da Terra forte, viscoso e vívido, assumindo uma forma de entidade menstrual que agora está diante de você. (Breve pausa). Agora que você está diante dessa entidade que simboliza toda a potência e expressão criativa do Sangue Menstrual, reverencie essa força e esse poder e conecte-se com ela. O que ela te provoca? O que ela tem para te mostrar e te dizer? Permita-se ouvir e sentir!

(Pausa longa).

Agora que você já entrou em contato profundo com a força do Sangue Menstrual, agradeça tudo o que foi visto e revelado. Faça uma grande reverência a essa entidade e, se sentir, permita que ela lhe banhe, como as águas da cachoeira, levando de você tudo o que você não precisa mais carregar de medos, julgamentos, preconceitos, tristezas, raivas e dores. Deixe que o sangue leve tudo para a Terra mais uma vez, transmutando todos esses sentimentos em amor, coragem, força, vitalidade, criatividade, fertilidade, saúde e cura! (Breve pausa). Sinta o seu corpo renovado, leve, pronto para realizar seus sonhos e desejos mais íntimos! É esse o poder do Sangue Menstrual e ele habita em você, independente de gênero, pois o útero foi a primeira morada para todos os seres que habitam a Terra... e o sangue seu alimento! (Breve pausa). Vamos agradecer por estarmos vivos, por sermos potências criativas, por termos sangue correndo em nossas veias e nutrindo nossos corpos, movimentando nossos pensamentos e emoções, e vamos manter essa conexão em nosso

cotidiano, com mente, coração e órgãos sexuais abertos ao amor, à abundância, à transformação e à reinvenção. (Pausa). Aos poucos vamos voltando, trazendo a nossa consciência para o exercício inicial, para a respiração, para a mão que está no coração e a outra que está abaixo do umbigo, sentindo a energia que circula no nosso corpo após essa viagem. (Pausa). Vamos respirando profundo e calmamente, mexendo bem devagar os dedos das mãos e os dedos dos pés. (Pausa). Se quiser pode ir mexendo outras partes do corpo também, até voltar completamente para o aqui e o agora, abrindo os olhos! Seja bem vindo de volta! (Morais, 2021, p. 14-16, grifo da autora).

Como poderia tornar meu texto ainda mais atraente? Como poderia aqui romper com a linguagem acadêmica e trazer poesia? Essas perguntas direcionaram a escrita e outras estratégias para contemplar essas inquietações envolveram disponibilizar, ao longo do texto, muitas imagens de arte menstrual, desenvolvidas por mim ao longo desses anos – não só no capítulo que trata desta temática –, bem como fotografias das vivências, poesias, músicas, práticas e diálogos que marcaram esses encontros.

Optei por trazer uma imagem e um pequeno texto na abertura de cada capítulo, antes de iniciar o conteúdo proposto. O texto poderia ser uma descrição do caderno de campo, um trecho de música, um diálogo marcante das oficinas, ou mesmo um texto mais livre que criei no momento, algo que tivesse relação com o conteúdo que viria depois, mas não necessariamente de forma direta. Um exemplo do que desenvolvi na tese está no trecho a seguir, que abre o capítulo sobre o tabu do sangue menstrual, precedendo as discussões teóricas sobre o tema:

Coletei meu sangue com o coletor e coloquei em um frasco cor âmbar. Esperei acumular o sangue de alguns dias de ciclo. Um dia, ainda sangrando, quando me senti dis-

posta e criativa, abri o frasco, senti o cheiro e coloquei o sangue na minha mão. “Olha a textura, que interessante! E essa cor? Tão bonita!” Passei o sangue na testa na altura do terceiro olho: “abre-te coração, abre-te sentimento”. Deixei o sangue guiar. Hum... O que será que acontece se eu misturar sangue com ar?

Fotografia 2 – Bubble Blood



Fonte: Janaina Moraes (2015).

Trabalhar artisticamente com o sangue menstrual foi, sem dúvida, uma das experiências mais potentes que se abriu com o Portal Vermelho. Perceber que o que eu havia aprendido sobre o sangue menstrual como algo morto, sujo, nojento, que devia ser escondido e descartado, na verdade, poderia ser também fonte de beleza e poder, fez-me olhar de forma diferente para mim mesma, meu corpo e a minha realidade. Além disso, permitiu-me acessar o universo do tabu menstrual de maneira muito ampla, a partir da visibilidade que meu trabalho artístico ganhou com o projeto Meu Corpo, Meu Sangue. A discussão que se abriu na internet por conta da exposição foi capaz de me fornecer dados para a pesquisa que leituras ou rodas de conversa não proporcionaram. Vou abordar esses

pontos mais adiante. Por hora, importa refletir sobre a questão do tabu menstrual e as diferentes perspectivas que envolvem o assunto (Morais, 2021, p. 46).

Busquei descrever as experiências vividas com o máximo de detalhes possível, descrevendo não só o que era visto, mas também o que era sentido. No caso das oficinas, por exemplo, descrevi como era o espaço em que as oficinas aconteciam, quais conteúdos e atividades eram realizados de forma minuciosa, disponibilizando os registros fotográficos e os relatos das pessoas que participaram sobre cada um dos temas trabalhados. A descrição unida às imagens dá uma forma ao texto e junto com os relatos consegui dar uma dimensão também do que foi sentido:

Em todas as oficinas, fosse regular ou intensiva, eu coloquei um ritual de abertura para iniciarmos nossos trabalhos. Antes mesmo de nos apresentarmos e falar quem éramos, eu começava com essa mística, que havia aprendido em um curso de tantra. No centro do círculo, sob o tecido vermelho havia uma bacia de alumínio esmaltado e dentro dessa bacia havia uma infusão de ervas perfumadas, e, ao lado da bacia, uma vela vermelha acesa. O ritual consistia em cada uma dizer o seu nome, do jeito que quisesse, podia cantar, gritar, movimentar ou só dizer o nome mesmo, e depois ir até a bacia com a água perfumada e lavar as mãos, dizendo e deixando tudo o que não precisava e não queria mais carregar consigo ali. Secava as mãos numa toalha que tinha ao lado e, em seguida, ia até a vela com suas mãos e colocava no fogo suas intenções, para aquele encontro, depois disso, voltava ao seu lugar. Uma a uma iam fazendo esse ritual. Muitas mulheres das oficinas têm esse ritual como um marco, várias choram e se emocionam nesse momento. Uma delas inclusive colocou esse mesmo ritual no seu trabalho como doula:

Virou até uma partezinha do meu trabalho enquanto doula. Sempre faço essa coisa... porque pra mim foi muito especial. Eu lembro de... eu lembro do que que eu lavei na água e eu lembro o que eu fortaleci no fogo. Então, assim, foi uma coisa que ficou muito marcada... e foi uma coisa que... realmente foi acontecendo depois daquele dia. Então, eu amava todas as dinâmicas, mas as duas foram as que mais me marcaram. *[comentando sobre esse ritual e uma outra meditação]*. (CAROL, Entrevista, 2020, grifo nosso) (Morais, 2021, p. 149-150, grifo da autora).

Figura 2 – Ritual de abertura da primeira oficina intensiva de 2018



Fonte: Brenda Marques (2018).

O sentir foi um guia importante. Não só o que as outras pessoas sentiram, mas o que eu mesma senti nas experiências que vivi e, a partir desse lugar, teci considerações sobre as artes menstruais, terapias menstruais e os movimentos da Ginecologia Autônoma, Política e Natural e suas possibilidades. De modo que todo o texto está embebido com a minha subjetividade e as minhas emoções.

Antes desse contato íntimo com meu corpo, eu estava distanciada dele, principalmente, da região que envolve o baixo ventre. E, aos poucos, através dessa prática [alfabetização corporal], a sensação foi, exatamente, de ir aos poucos adquirindo partes do meu corpo, que eu não conhecia bem: útero, ovários, colo uterino, canal vaginal, períneo, clitóris, próstata, vulva, lábios, etc. Várias partes do meu corpo que eu negligenciava ou não dava atenção, ou mesmo não conhecia, foram ganhando outras conotações e fui aprendendo a ser um corpo cíclico, que sangra, chora, sente dor, prazer, alegria, raiva, frustração e uma infinidade de outras sensações. Isso dialoga profundamente com as reflexões sobre o corpo como um fluxo em constante transformação e não como algo fixo, pronto, dado e acabado, como apontam Csordas (1994) e Ingold (2001). A experiência de ter utilizado o espéculo pela primeira vez, por exemplo, foi um dos momentos mais marcantes do curso do coletivo Vulva Sapiens. Eu nunca tinha visto o meu colo do útero e a primeira vez que usei um espéculo sozinha, na minha casa, e fui conhecê-lo, demorei a processar. Fiquei olhando estática um bom tempo para o colo do útero, tentando entender o que era ele, se ele estava bem, se ele era normal e cheguei até a sentir um pouco de medo. [...] Depois tive várias reflexões sobre como muitos médicos já tinham acesso a essa parte do meu corpo, que eu mesma nunca o tinha visto antes e como isso é algo ruim, que reforça, mais uma vez, a sensação de ter sido enganada, reiterando a desconfiança em relação à prática médica, percebendo como esse monopólio que o médico tem sobre o nosso corpo faz a gente temer nosso próprio corpo, porque o desconhecemos e porque muito pouco sabemos sobre ele. Assim, fazer a nossa própria ciência, nossos próprios experimentos, apropriando-nos dessas ferramentas como o espéculo, por exemplo, que foi desenvolvido por um médico que lucrava

em cima do sofrimento de tantas mulheres, é um processo muito emancipador (Morais, 2021, p.133-134).

Meus relatos pessoais foram introduzidos no texto de forma contextualizada, tentando alinhar o que foi vivido na experiência individual com o que era também experimentado em um campo social e cultural, pois muito do que vivi encontrava ressonância na vivência de outras mulheres e encontrava, inclusive, respaldo acadêmico e científico. Então, por exemplo, durante o processo de Limpeza do Sangue Menstrual, em que utilizamos as ervas para limpar nosso corpo e nossas emoções, quando foi o momento de trabalhar a raiva com a erva carqueja, senti muita raiva dos homens. E não era apenas uma raiva direcionada a um homem em específico, era “uma raiva do planeta, por a gente tá nesse processo de submissão, controle e opressão sobre nós mulheres e que eu me sinto impotente pra resolver esse problema no mundo” (Morais, 2021, p. 219). Esse tipo de manifestação e acesso em relação a uma raiva dos homens, ligado a um machismo e a uma condição de subordinação feminina, também foi experimentado por várias outras mulheres que participaram da Limpeza, quando tomaram a carqueja. Para o meu contentamento, ao estudar cientificamente sobre as emoções, encontrei textos que legitimam esses sentires, tais como os de Lutz (Lughod; Lutz, 2018) que aborda a importância de pensar sobre o caráter genericado das emoções, que existem dentro de um sistema de relações de poder. Da mesma forma, Emily Martin (1992), em seu texto “Síndrome Pré-Menstrual, disciplina no trabalho e raiva”, do livro *A Mulher no Corpo*, elabora sobre a patologização do ciclo menstrual, apontando que a origem da raiva pode estar atribuída à percepção que as mulheres têm sobre a opressão que sofrem na sociedade. O fato é que muitas cientistas estão há anos tecendo considerações fundamentais sobre nossas vivências corporais, pensando a produção do conhecimento científico com um olhar feminista, e minha alegria foi encontrá-las para validar o que era sentido no meu corpo e nos corpos de outras pessoas que sangram.

Por mais que eu me colocasse no texto e colocasse também as experiências das outras pessoas, sempre busquei ter cuidado com as informações reveladas, pois na experiência vivida nas oficinas, cursos e formações, aconteciam fatos que iam muito além de uma compreensão racional e que foram difíceis de traduzir para uma linguagem escrita. Faltavam palavras para expressar o que foi sentido e faltava também literatura para validar e ajudar a refletir sobre tais acontecimentos, de modo que muitas discussões que envolviam o campo da espiritualidade e da magia que esses eventos levantavam ficaram de fora das análises.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever a tese de um lugar tão próximo me garantiu uma posição privilegiada: eu não era meramente uma observadora, também experimentava na pele e com todos os meus sentidos o que era vivido, sustentando, assim, uma intimidade com as pessoas que cruzaram meu caminho. Entretanto, ocupar o lugar liminar de bruxa-cientista, feminista, menstruante não foi simples, visto que um mesmo fato pode ser compreendido de forma diferente, dependendo do lugar ocupado, como aconteceu nas discussões sobre pureza e purificação empreendidas ao se falar tanto sobre o tabu e a arte menstrual quanto sobre a Limpeza do Sangue Menstrual, visto que os conceitos terapêuticos e artísticos se diferem do antropológico, o que causou confusão em alguns momentos. Além disso, a reflexão sobre a eficácia das terapias menstruais também foi trabalhosa, pois ainda que não fosse a ideia defender o método, sentia a necessidade de abordar esse assunto, sendo desafiador manter uma postura crítica, por se tratar de um método com o qual eu trabalhei e vivenciei. A estratégia para superar esses desafios foi dar espaço para essas diversas vozes ecoarem e dialogarem entre si.

Ainda que não tenha sido fácil manter um distanciamento para realizar as análises dos dados, acredito que o espaço físico e temporal

que separarou as experiências, somado às leituras teóricas e à apreciação de outros olhos atentos, principalmente, da orientadora do trabalho, abriram a possibilidade para que eu assumisse uma postura crítica em relação a mim e à pesquisa, restando agora uma sensação de dever cumprido e o desejo de que essa experiência se multiplique e reverbere infinitamente, tocando e inspirando outras pessoas em suas vivências pessoais e exercícios de investigação, para que se permitam viver o campo em todas as suas dimensões sensoriais e se vulnerabilizar durante a escrita.

REFERÊNCIAS

ABU-LUGHOD, Lila; LUTZ, Catherine. Emoção, Discurso e políticas da vida cotidiana. Tradução para uso estritamente didático, por Leandro de Oliveira. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 2018. Cópia mimeografada. [Do original em língua inglesa, ABU-LUGHOD, Lila; LUTZ, Catherine. *Emotion, discourse and the politics of everyday life*. In: ABU-LUGHOD, Lila; LUTZ, Catherine. (org.). **Language and the Politics of Emotion**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1990. p. 1-23].

BEHAR, Ruth. **The Vulnerable Observer: Anthropology That Breaks Your Heart**. Boston, MA: Beacon Press, 1996.

CARDOSO, Ruth. Aventura de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: CARDOSO, Ruth. **A Aventura Antropológica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CAVALCANTE, Isabela e SANTOS, Vitor. Juventude.Br, 2022 - CAVALCANTE, Isabela e SANTOS, Vitor., & Santos, V. A Pobreza Menstrual como fator impeditivo na promoção de uma Educação de qualidade no Brasil. **Juventude.Br**, 20(1). 2022. Recuperado de <https://juventudebr.emnuvens.com.br/juventudebr/article/view/256>.

CSORDAS, Thomas. Introduction: the body as representation and being in the world. In: CSORDAS, Thomas. **Embodiment and Experience: The existential ground of culture and self**. New York: Cambridge University Press, 1994.

FALEIROS, Fabiana Amélio. **Lady Incentivo SEX 2018**: disco sobre tese, amor e dinheiro. 2017. 143 f. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Contemporânea) –

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://www.bdttd.uerj.br/handle/1/7391> Acesso em: 22 mai. 2025.

GOULET, Jean-Guy; YOUNG, David E. (Org.). **Being changed: the Anthropology of Extraordinary Experience**. Ontario: Broadview Press, 1994.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773> Acesso em: 14 mai. 2025.

INGOLD, Tim. Culture, nature, environment: steps to an ecology of life. In: INGOLD, Tim. **The Perception of the environment: Essays of livelihood, dwelling and skill**. New York: Routledge, 2001. p. 13-26.

LABATE, Beatriz Caiuby. **A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

LATOUR, Bruno. How to talk about the body? The normative dimension of science studies. **SAGE**, v. 10, n. 2-3, p. 205- 229, 2004.

MALLMANN, Elena Maria. Pesquisa-ação educacional: preocupação temática, análise e interpretação crítico-reflexiva. **Cadernos de Pesquisa** v.45 n.155 p.76-98 jan./mar. 2015.

MARTIN, Emily. **A Mulher no Corpo: uma análise cultural da reprodução**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 1992.

MERCANTE, Marcelo. **Images of healing: spontaneous mental imagery and healing processo of the Barquinha, a brazilian ayahuasca religious system**. 2006. Tese (Doutorado em Filosofia) – Saybrook Graduate School and Research Center, São Francisco, California, 2006.

MORAIS, Janaina de Araujo. Gênero, Corpo e Sangue: uma etnografia sobre a medicalização da menstruação. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11 & 13th WOMEN’S WORLD CONGRESS, 2017, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499456914_ARQUIVO_artigofazendogenero17-JanainaMorais.pdf. Acesso em: 14 mar. 2021.

MORAIS, Janaina de Araujo. **Portal Vermelho: uma etnografia sobre corpo, gênero, sangue, emoções e experiência**. 2021. Tese (Doutorado) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2021.

Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/13739> Acesso em: 22 mai. 2025.

ROSALDO, Renato. **Culture and Truth**. The Remaking of Social Analysis. Boston, Beacon Press, 1989, 253 pgs.

ROSE, Isabel Santana de. **Tata endy rekoe – Fogo Sagrado**: Encontros entre os guarani, a ayahuasca e o Caminho Vermelho. 2010. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

STENGERS, Isabelle. Reativar o animismo. Tradução Jamille Pinheiros Dias. **Cadernos de Leituras**, n. 62, p. 1-15, 2017.

STOLLER, Paul. **The Taste of Ethnographic Things**: The Senses in Anthropology. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1989.

SZTUTMAN, Renato. Reativar a feitiçaria e outras receitas de resistência – pensando com Isabelle Stengers. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 69, p. 338-360, abr. 2018.